

DISCURSO EM HOMENAGEM À MEMÓRIA DO SENADOR NILO COELHO

(*) **Conselheiro Honório Rocha**

Não foi pequeno o golpe por que passamos todos nós. Aquela manhã de nove de novembro toldou-se de nuvens pesadas e negras, caídas sobre o sentimento dos que conheceram Nilo Coelho e tiveram o privilégio de sua amizade.

Todos fomos atingidos, rudemente atingidos. Sua família. Seus amigos. Seus correligionários. Seus companheiros de Congresso. Seus adversários políticos também o foram, porque Nilo Coelho tinha a dimensão maior da vida pública e do respeito pelas pessoas. Sabia discordar, quase promovendo a aliança de contrários, pelo entendimento, quando em jogo interesses que se sobrepunham às paixões individuais, desprezíveis, portanto, ante o bem maior.

Sabia ele ser superior, emprestando a cada fato o devido e natural relevo, e a todos atribuindo o valor ditado pelas regras da justiça.

Manhã terrível, aquela desse nove de novembro! Manhã de ocaso para uma vida trepidante de sonhos, acalentada de esperanças e repleta de tanto ideal!

Não compareci, então, ao Tribunal de Contas. Mas soube do que aqui se passou. Das propostas apresentadas pelo

Pronunciado em 15 de dezembro de 1983, em Sessão Especial do Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco.

Conselheiro Jarbas Maranhão e acolhidas, à unanimidade, pelo Plenário, em homenagem à memória do grande Senador Nilo de Souza Coelho. A suspensão da sessão. O acompanhamento do luto oficial. A realização de uma sessão especial de homenagem, sendo sugerido meu nome para orador, pelos vínculos que me ligavam ao grande amigo.

Agradeço, aqui, profundamente reconhecido, a fidalguia do gesto de meus pares. A designação de nossa sala de reuniões de Sala Nilo Coelho e, por fim, que a sede própria do Tribunal de Contas venha a ter o nome de Edifício ou Palácio Nilo Coelho.

Tudo isso, — disse o Cons. Jarbas Maranhão, — tem por objetivo vincular a memória do ilustre homem público ao Tribunal de Contas de Pernambuco, que ele criou, quando Governador do Estado.

Sr. Presidente e Srs. Conselheiros:

Lí os discursos proferidos aqui, naquela manhã, pelos Conselheiros Orlando Moraes, Suetone Alencar, Antônio Corrêa, Oliveira Neto, que presidia a sessão, pelo Procurador Geral, Luiz de Magalhães Melo, colega de Nilo Coelho na Assembléia Legislativa e na Câmara dos Deputados e, por último, a palavra do Auditor Geral, Luiz Arcoverde Cavalcanti, que o conheceu desde sua chegada à Casa de Joaquim Nabuco, em 1947.

Tudo foi dito com muita propriedade, com muita alma e tudo revelava emoção profunda, vivida tão intensamente. Teria eu pouco, muito pouco, a acrescentar ao que Vossas Excelências disseram. Não foram palavras, apenas. Foram sentimentos externados, vivos sentimentos de um lamento que a todos constrangeu.

Os dias vão passando, inexoravelmente. Já são mais de trinta. E a cadência do tempo vai escrevendo, mais vivamente, na memória dos que ficamos, a dura verdade de uma ausência que está fazendo tanta falta a todos nós.

A morte de Nilo Coelho nos empobreceu. Perdemos pedaço autêntico de uma bravura cívica que tinha paixão pelo trabalho e pela esperança do futuro, no dinamismo sadio de sua crença arrojada de homem público.

Não o vi nunca escoroçoado, batido pelo desânimo, esmorecido diante das dificuldades, no meio das intempéries que enfrentou. Nem jamais alguém assim o viu. Pelo contrário. Irradiava **optimismo**, no todo do seu comportamento e comunicabilidade. E ele fazia questão do **pê do optimismo**.

Era impetuoso. Sempre o foi. Nos dias da juventude e na serenidade madura da experiência dos homens e das cousas que a vida lhe deu.

Personalidade marcante. Sabia o que queria e queria sempre o melhor, não egoisticamente, e sim para a comunidade que representou, em inúmeros mandatos, com altivez, dedicação e desvelo.

Não poucos foram os grandes lances de sua vida pública, onde a afirmação genuína e altiva mostrou, sem qualquer sombra, o caráter reto e o compromisso com o bem comum. Nisto, ninguém o excedeu. Em tal matéria soube dar lições que haverão de permanecer e frutificar.

Tinha a consciência plena da responsabilidade que lhe pesava aos ombros. Assim na família, na vida parlamentar, no trato dos interesses da coisa pública.

Era capaz de indignar-se, e tantas vezes se indignou e se enraiveceu contra as cousas que julgava erradas, distorcidas, mal orientadas ou mal encaminhadas. Indignava-se e demonstrava sua indignação, com ímpeto que valia desaprovacão, sem ardeios e sem medos.

Era a violência momentânea, na palavra e na atitude reprovadoras, revelando um temperamento forte, mas não desabrido nem leviano.

Tanto era assim que não guardava ódios nem ressentimentos mais profundos e duradouros. Não havia lugar para sentimentos menores em seu coração.

Após a borrasca de uma reação, a serenidade que se recompunha, retomando o caminho e apontando o verdadeiro rumo.

Magnânimo, por excelência, traço da índole e da formação do berço, não há quem lhe aponte um gesto mesquinho de perseguição, de vingança ou de complexo.

Lutou pelo poder e o deteve, em diversos momentos de sua fecunda vida pública. Mas não o usou, jamais, como instrumento para acossar quem quer que fosse.

O poder, nas suas mãos, era forma de servir, de repartir o bem, disseminando-o por todas as camadas sociais.

Sabia ser simples e afável com os simples. Comunicativo com todos. Mas reagia com sobrançeria, e sempre, na defesa da autoridade de que se encontrava revestido. Não tergiversava em campo tão delicado.

Afável de temperamento, exuberante nos gestos, manifestava muitas vezes, também, e sempre que era necessário, o travo do humor ferido ou não compreendido. A resposta era

imediatamente. Explosiva, por vezes, e até, por vezes, arrebatada, parecendo desproporcional. Facilmente, porém, voltava ao ritmo da normalidade.

Era avesso ao vesgo da freqüência das entrevistas, das notícias, por simplesmente aparecer. Sabia julgar a oportunidade de fazê-lo e o fazia com agrado para os Jornalistas. Alguns deles, por estas atitudes, foram impiedosos com Nilo Coelho.

Tinha o gosto da vida e sabia transmiti-lo com entusiasmo. E nisto era um doutrinador. Um experiente em transmitir imagens vivas de um colorido interior que lhe marcava o ser e se exteriorizava na largueza dos gestos.

Não acreditava em miséria, para submeter-se a ela. Lutava para vencê-la e para proporcionar à sua região pobre os sonhados melhores dias. Transformou-se em arauto da prosperidade, do bem-estar e do desenvolvimento, com o testemunho, inclusive, das atividades empresariais de sua família.

Desenvolvimento era a grande linha mestra de sua ação na vida política e privada, onde quer que se encontrasse, pregando, sempre, a redenção regional.

Bem nascido, mas não desvinculado da realidade em que sempre viveu, cuidava, com afinco, de lançar idéias capazes de mudar estruturas tão adversas e viciadas.

Era confortador vê-lo falar de sua Petrolina, com os projetos de irrigação, da região do São Francisco, de Pernambuco e do Nordeste, para o qual já deveria ter havido a decisão política de prioridade por parte do Governo da República. Este, seu pensamento.

Não se deixava abater pelas circunstâncias, por mais carregadas que fossem as nuvens em derredor.

Não seria eu ingênuo para afirmar que em Nilo Coelho houve, apenas, qualidades. Defeitos houve, também. No conjunto, entretanto, estes fizeram ressaltar aquelas, como as sombras n'um quadro fazem sobressair a luz. Diria até que ele teve os defeitos das próprias qualidades.

Uma de suas características era não ter medo de manifestar o que pensava. Era uma questão de fidelidade a si mesmo. E nem se deixava iludir pelos que não cultuavam a verdade.

Nos momentos difíceis do seu governo, e não foram poucos, retemperava o ânimo na avaliação do trabalho que tinha a realizar, deixando às cassandras os agouros que nada construíam. Viveu horas amargas, porém tinha a crença da vitória, tão seguro estava do acerto de seus caminhos.

Se Nilo Coelho não fosse o homem que era, teria se acovardado ante os arreganhos de muitos que desejavam comprometer, ou simplesmente golpear sua administração.

Foi tenaz, perseverante, ousado. Venceu os maldizentes pelo cansaço. O trabalho diuturno, madrugador, de vigília, de noites indormidas, era a força que lhe refazia o espírito e impulsionava os dedicados colaboradores que soube escolher.

Saiu vitorioso. Venceu, bravamente, todas as dificuldades de um período grave da vida nacional, e deixou o governo consagrado pelo trabalho que realizou.

Teve a grandeza do governante que multiplicou as horas e elasteceu o tempo para mais servir.

A presença de Nilo Coelho era casa cheia, homem de muitos amigos que foi, pela alegria contagiante, riso largo e qualidades inegáveis de liderança, de compreensão aglutinadora.

Revelou-se líder, muito cedo, e o foi, de fato, não pelo desejo do mando, senão pelo coração, que cativava amizades, pela confiança estampada no semblante, pela seriedade no trato dos problemas, pelo compromisso com a causa do bem comum.

O sentido profundo de sua religiosidade, de seu amor à família, temente a Deus que era, fazia com que não aceitasse nunca transigir, quando se tratava de princípios. Estes eram sagrados. Inegociáveis. Deviam ser respeitados, sempre.

Nilo Coelho professou abertamente sua fé, vivendo a simplicidade do cristianismo, em todos os momentos de sua existência.

Srs. Conselheiros:

Recordar tudo isto, deixa, em todos nós, uma sensação de vazio pelo amigo que perdemos.

Militou na política por mais de trinta e cinco anos. Por ela, mudou-se-lhe o curso da vida. Abriam-se-lhe outros caminhos. Novos rumos lhe foram segredados.

Para tanto, foi decisiva a convocação paterna, fazendo-o voltar de São Paulo, onde se encontrava, recém-formado em Medicina pela Escola da Bahia, cursando especialização em cirurgia.

Veio para candidatar-se à Assembléia Legislativa, após a queda de Getúlio Vargas, aberto que foi o espaço à redemocratização do País.

Deputado Estadual, 1º Secretário da Assembléia, Deputado Federal, Secretário da Fazenda no Governo de Etelvino Lins, 1º Secretário da Câmara dos Deputados, Governador do Estado, em todos estes altos postos, sempre foi o homem comprometido com a causa do bem comum.

Terminado seu governo, passou, como costumava dizer, oito anos em compasso de espera e observação. Sem mandato, é certo, nunca jamais sem compromisso. Sempre em atividade. Nem deixou de ser intensa e agitada sua vida, acompanhando a vida nacional, avaliando os fatos e dimensionando os acontecimentos.

Em 1978, nova convocação. Era homem de Partido e o Partido necessitava de sua presença. Lança-se à campanha pelo Senado. Sagra-se vencedor, nas urnas de 15 de novembro.

Nova fase na sua vida política. Vice-Presidente do Senado. Líder do Governo na Câmara Alta. Presidente do Congresso Nacional.

Em diversas oportunidades, neste recente período, teve de mostrar a bravura que sempre o acompanhou.

Lembre-se o episódio triste e constrangedor do Rio Centro. Nilo Coelho líder do Governo no Senado. A oposição fustigando, incontida, impetuosa, mobilizando a opinião pública, cobrando explicações, querendo esclarecimento. O Governo acuado, sem voz ante os fatos narrados pela imprensa, sem saída plausível, não fosse a coragem de Nilo Coelho para ir à tribuna dizer que voltaria, dentro de poucos dias, para dar, em nome do Governo, as explicações que a Nação reclamava. A identificação e punição dos culpados, era compromisso do Governo, declarou Nilo. Queria prazo, apenas. E o Congresso acreditou na sua palavra de líder. E nós sabemos que ele não foi municiado para dar a resposta que prometera. Lamentavelmente.

Nem por isso sua palavra ficou comprometida, nem sua credibilidade arranhada. O porta-voz não teve o sopro que esperava ter. Falharam. Ele não falhou.

Presidente do Congresso, em março deste ano, na instalação dos trabalhos, fez um discurso de repercussões bem amplas, no qual delineou novos caminhos para a afirmação do Congresso Nacional. Ali está estabelecido o primado do político como verberada se acha a posição fria, impassível, sem alma, do tecnocrata, do que não sente, como político, o calor do povo.

Nem isto poderia significar rebeldia contra quem quer que fosse. Era uma demonstração de fidelidade às raízes. Obediência a uma linha política condizente com a abertura democrática, e ajustada aos destinos da Nação.

Srs. Conselheiros:

Refletindo sobre os últimos acontecimentos políticos em que Nilo Coelho foi inconteste protagonista, chego a pensar em sinais de premonição, em talvez, intuição do momento, para consolidar o testemunho de bravura cívica e de afirmação política de quem soube, com tanto zelo, ser líder. A intuição acompanha a arte política e penetra a vida.

Não faz muito, n'um **daqueles** gestos de indignação e desabafo, a que me referi, ele disse: "**freqüente lugares ensolarados. Não freqüente cafuas, nem pés de escadas**". Era o repúdio a certas acomodações comprometedoras.

A veemência da afirmação tão consciente, tão nítida e tão explícita, mostra a franqueza de um homem sem subterfúgios, reto e bem intencionado. Não eram bravatas, arrumações do momento, tão ao gosto de tantos, mas posicionamento de lealdade, de formação moral, de consciência do dever, de vida, às claras.

Estão na memória de todos nós as horas intensas e tensas, vividas pelo Congresso, em sessões multiplicadas, em diálogos sucessivos, em negociações políticas, noite a dentro, no mês de setembro, quando da votação do Decreto 2024.

Noite de 21 de setembro. Já madrugada de 22. Petrolina celebrava aniversário de sua emancipação política. Nilo Coelho presidia a sessão do Congresso. Pensou, certamente, na sua terra distante e próxima do coração. Levanta-se uma questão de ordem. Sessão suspensa. Nilo Coelho precisava de estar seguro. Não era possível submeter-se a humilhação e nela sepultar a respeitabilidade do Congresso. Deus o inspirou para poupá-lo de tamanho sacrifício. Ânimos exaltados. Reabrem-se os trabalhos. O Presidente vai decidir a questão de ordem. E o faz como Presidente do Poder, contrariando a pretensão do seu próprio Partido.

É um momento de consagração e de soberania do Congresso. Um novo desabafo, contundente, sem meias palavras, incisivo, tão ao estilo do nosso Senador Nilo Coelho.

— "**Não sou Presidente do Congresso do P. D. S. Sou Presidente do Congresso do Brasil**".

De tanta emoção, o coração se ressentiu. Passam-se os dias. Multiplicam-se as preocupações.

Vem a notícia, de súbito, de que fora internado em Brasília e removido, após, para São Paulo.

Antes da operação, um aceno, uma declaração tranqüila, certamente uma despedida: — **“não me arrependo do que fiz. Só me arrependo do que não fiz”**.

Srs. Conselheiros:

De São Paulo viera Nilo Coelho para começar os embates da vida pública, militando na política. Idealista, sonhador. cheio de vida.

Agora, São Paulo o devolve morto, inerte, depois de ter chegado ao apogeu da vida pública, consagrado pelas atitudes que tomou, respeitado pela opinião pública, digno dos seus concidadãos.

Seu exemplo ficará, rebento de vida e testemunho de ação.

O gesto dos remeiros do São Francisco, cruzando os remos para recebê-lo Governador, na primeira visita à terra natal, repetiu-se agora, no dia 10 de novembro, em sinal de reverência e respeito ao grande Senador, que continuará vivo, presente, bem presente, na memória e no coração de sua gente, como a dizer-lhe, de novo, a **Lição do Remeiro**:

Nas memórias do tempo,
de todas as memórias da infância,
a que me é mais grata
é a do meu rio,
o São Francisco,
a transbordar e desbordar as águas barrentas,
pra deixar
nas vazantes,
a terra enriquecida para os ribeirinhos.

A moldura sentimental e telúrica
— que não é apenas evocativa,
pois jamais disse adeus à minha terra —
se completa com a visão
das barcas à vela,
subindo a correnteza e vencendo a calmaria
com a força dos peitos rijos dos remeiros.
São os remeiros dos peitos sangrentos,

remeiros sofridos;
calejados na adversidade,
o ânimo forte
e a alma em festa,
nas canções que acompanham
o impulso dos remos
e nos gritos de desafio à passagem dos vapores.

O menino beiradeiro,
que chega às alturas da direção de um grande Estado
e de um grande povo,
tem à sua frente o mesmo quadro.
Se os bons ventos nos faltarem,
estarei na proa
para acertar a cadência das remadas.
Remando ou varejando,
pouco importa sangue o peito:
saberemos lutar.

A luta dos remeiros,
como a nossa,
é o embate
dos que não perderam a fé,
dos que têm esperança,
dos que firmam os pés molhados nas coxias,
de olhos voltados sempre para a frente.
O peito que se abre em calos,
se enrijece na certeza
de que a união nos fará mais fortes,
no vislumbre de novos horizontes
que juntos buscaremos.
Rio acima.
Contra a correnteza.
E a alma cheia de esperança.

(*) Conselheiro Honório Rocha foi Deputado Estadual e Secretário do Governo de Marco Maciel.